

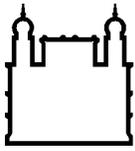
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

NATHALIA MUNIZ CARNEIRO

LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO PARA INCLUSÃO DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

RIO DE JANEIRO

2020



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

NATHALIA MUNIZ CARNEIRO

LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO PARA INCLUSÃO DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Monografia apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Especialização *Lato
sensu* em Ciência, Arte e Cultura na Saúde,
Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo
Cruz.

Orientadora: Prof^a Ma. Olga Oliveira Passos
Ribeiro

RIO DE JANEIRO

2020

Muniz Carneiro, Nathalia.

Literatura infantil como recurso para inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) / Nathalia Muniz Carneiro. - Rio de janeiro, 2021.

48 f.; il.

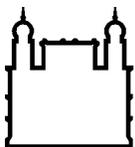
Monografia (Especialização) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, 2021.

Orientadora: Olga Oliveira Passos Ribeiro.

Bibliografia: f. 41-46

1. Literatura infantil. 2. Autismo. 3. Inclusão. I. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Biblioteca de Manguinhos/ICICT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

NATHALIA MUNIZ CARNEIRO

LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO PARA INCLUSÃO DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialização *Lato sensu* em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz.

Aprovado (a) em 27/01/2021.

Banca Examinadora:

Sheila Soares de Assis (Instituto Oswaldo Cruz/RJ)

Nome do Presidente (Instituição/estado)

Anunciata Cristina Marins Braz Sawada (Instituto Oswaldo Cruz/RJ)

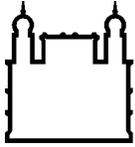
Nome do Membro (Instituição/estado)

Cristina Maria Carvalho Delou (Universidade Federal Fluminense/RJ)

Nome do Membro (Instituição/estado)

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2021.

Viver e conviver é uma arte e requer a
ARTE como estratégia. Olga Passos,
2018.



Ministério da Saúde

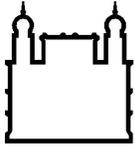
FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

RESUMO

O trabalho apresenta a proposta para a inclusão no espaço escolar e da criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista) pela colaboração da arte e, em especial, recorrendo à Literatura infantil para ampliar olhares que facilitem a inserção social. Sabemos que a questão do autismo tem sido descortinada por iniciativas educacionais, políticas e da saúde, nas quais uma atualizada visão já gera mudanças de atitude, tal como a legislação que dá suporte e garante seus direitos. Estes avanços possibilitam a busca de alternativas que visibilizem tal público alvo e o inclua com qualidade e efetivamente. É objetivo geral do presente trabalho refletir sobre a inclusão na Educação Infantil, de crianças com TEA. E como objetivo específico discutir sobre a possibilidade de utilizar a arte como recurso lúdico inclusivo nesta fase escolar. A pesquisa se caracteriza como um ensaio-teórico. Para a realização deste trabalho, autores do campo de investigação sobre Literatura Infantil e Inclusão foram fundamentais.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Autismo. Inclusão.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

ABSTRACT

This paper presents a proposal for inclusion of the child with ASD (Autistic Spectrum Disorder) in the school space through the collaboration of art and, in particular, using Children's Literature to broaden views that facilitate social insertion. We know that the issue of autism has been unveiled by educational, political and health initiatives, in which an updated vision already generates changes in attitude, as does the legislation that supports and guarantees their rights. These advances make it possible to search for alternatives that make this target audience visible and include it with quality and effectively. The general objective of this work is to reflect on the inclusion of children with ASD in Early Childhood Education. And specific objective to discuss the possibility of using art as an inclusive play resource in this school phase. The research is characterized as a theoretical essay. To carry out this work, authors in the field of research on Children's Literature and Inclusion were fundamental.

Keywords: Children's Literature. Autism. Inclusion.

LISTA DE SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IOC – Instituto Oswaldo Cruz

ISERJ – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro

TEA – Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVO.....	14
2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	14
3 LITERATURA E INFÂNCIA.....	15
3.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	17
3.2 A ARTE COMO RECURSO PEDAGÓGICO.....	18
4 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	21
4.1 INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA.....	29
4.2 AUTISMO EM SALA DE AULA.....	31
5 ARTE E EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	33
5.1 PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA.....	35
6 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXO 1.....	47
ANEXO 2.....	48

APRESENTAÇÃO

Formada em Pedagogia, jamais me imaginei professora, apesar das pessoas ao redor sempre falarem que eu levava jeito para isso. Quando criança, minha fascinação sempre foram os livros, fossem eles infantis ou não. Meu pai que fazia muitas viagens, sempre trazia como lembrança algum livro. E eu aguardava com todo fervor aquele momento para saber qual seria a novidade. Em sua grande maioria, eram os gibis da Turma da Mônica ou algum livreto voltado para área de Ciências, pois ele viajava para participar de congressos de Biotecnologia.

Durante minha graduação, o tema “Inclusão” sempre teve algo de especial para mim. Lembro que meu primeiro trabalho na disciplina desta temática foi sobre Autismo. Disciplina esta conduzida pela professora Olga Passos, hoje minha orientadora neste trabalho. Inclusão e Arte só me faziam pensar nela!

O autismo então caminhou comigo em outras pesquisas e foi no estágio em Educação Infantil que pude ver ali, a menina que daria vida à personagem do meu tão sonhado livro. A Literatura Infantil nos dias atuais já aborda os mais variados temas, mas confesso que em minha busca não achei nada que falasse sobre autismo. Então, me vi diante da oportunidade de falar sobre o tema.

Já me formando na faculdade, minha orientadora falou sobre o processo seletivo para o curso de Ciência, Arte e Cultura na Saúde no IOC. Ali pude observar o quanto tudo de encaixava.

Enfim, temos então a Lalá. Uma personagem tão importante, que me marcou como professora e principalmente como pessoa. Tão linda, livre e com um jeitinho só seu.

1 INTRODUÇÃO

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação– especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde–, realizado na Fundação Oswaldo Cruz – IOC e intitulado LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO PARA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

O autismo é um transtorno de desenvolvimento comportamental e cognitivo, que prejudica a capacidade de comunicação e interação social e tem como principal característica um comportamento restritivo e repetitivo.

Diversos recursos pedagógicos facilitam o trabalho com crianças, em especial, alunos com o TEA. Dentre eles, a arte, com enfoque na literatura infantil, sobressai.

Trabalhar a arte, em especial com os livros infantis voltados à inclusão, coloca o educador diante de um desafio, mas também de um grande aliado. A linguagem utilizada na literatura infantil atingirá de maneira mais fácil e leve o público ao qual está destinada. Por mais que o aluno autista tenha dificuldades em abstrair, as histórias infantis atingem o imaginário, além de ser uma maneira menos complexa de explicar as diferenças para os outros alunos.

A problematização do tema gerou as seguintes perguntas que conduziram a investigação:

- Qual o valor da arte como recurso pedagógico na primeira infância?
- Qual a importância do contato com livros desde a primeira infância visando à inclusão de alunos com TEA?
- Qual a importância de trabalhar valores como o respeito ao próximo desde a primeira infância através da literatura infantil?

Dentre as hipóteses que nortearam o estudo destacam-se:

- É na primeira infância que a criança constrói e forma conceitos importantes para sua vida adulta, tendo a arte como uma facilitadora deste processo.
- A literatura infantil auxilia na abordagem de temas como a inclusão, utilizando linguagem específica para o público infantil, em classe comum e público alvo TEA.
- A leitura é fundamental na formação integral do ser humano, destacando-se a importância do início do contato com livros e leitura, desde a primeira infância.

A relevância deste estudo é por considerar que é na primeira infância que a criança constrói e forma conceitos importantes para sua vida adulta, tendo a arte como uma facilitadora deste processo. Já a literatura infantil auxilia na abordagem de temas como a inclusão, utilizando linguagem específica para o público infantil, em classe comum e público alvo TEA. Com isso, a leitura é fundamental na formação integral do ser humano, destacando-se a importância do início do contato com livros e leitura, desde a primeira infância.

A pesquisa se caracteriza como um ensaio teórico. Os autores do campo de investigação sobre literatura infantil, inclusão e estudo do TEA foram fundamentais, destacando: BRITES (2019), CAVACO (2020), CUNHA (2019), WEBER (2017), dentre outros.

Este trabalho está dividido em seis capítulos. A INTRODUÇÃO; o primeiro capítulo, que tem como objetivo destacar a relevância da Literatura Infantil como uma das formas de arte para trabalhar a inclusão do aluno autista em sala de aula; o segundo capítulo, OBJETIVOS, traz um breve resumo do objetivo geral e específico, o terceiro capítulo intitulado LITERATURA E INFÂNCIA, faz um breve relato da modificação do olhar que se tinha com a criança e do quanto materiais e serviços foram se adequando ao público infantil, em especial, os livros; o quarto capítulo, intitulado TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, visa abordar as características do transtorno, comportamento em sala de aula e atuação dos profissionais envolvidos; o quinto capítulo, nomeado como ARTE E EDUCAÇÃO ESPECIAL, traz à tona o quanto o trabalho com a arte, seja na

Educação Especial ou não, é fundamental para a formação integral do ser humano, desenvolvendo habilidades e trabalhando a autoestima; a CONCLUSÃO, sexto e último capítulo, faz uma abordagem geral do tema que, apesar das mudanças, ainda demanda muito estudo.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, discutir sobre a possível utilização da arte como recurso lúdico inclusivo nesta fase escolar e levar à valorização da Literatura Infantil, oferecendo-a como aliada na inclusão de crianças público alvo da Educação Especial, tendo como foco o Transtorno do Espectro Autista.

3 LITERATURA E INFÂNCIA

Da Idade Média até os dias atuais, comprova-se uma enorme mudança quando se trata do público infantil, que antes era tido como um adulto em miniatura, sem que tais fossem reconhecidas por suas peculiaridades. De acordo com Ariès (1973) apud Brancher, Nascimento e Oliveira (2008):

Durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida (p. 6-7).

Ou seja, a criança executava as mesmas tarefas dos adultos, não tendo seu espaço e suas peculiaridades respeitadas. Embora mais tarde venha a existir certa preocupação, ainda não era suficiente para suprir as necessidades referentes à fase da infância, principal etapa, na qual o ser humano se desenvolve e constrói conceitos. Ainda em Ariès (1973) apud Brancher, Nascimento e Oliveira (2008):

A análise da produção existente sobre a história da infância permite afirmar que a preocupação com a criança encontra-se presente somente a partir do século XIX, tanto no Brasil como em outros lugares do mundo. No entanto, mesmo a infância constituindo-se em um problema social desde o século XIX, ainda não foi suficiente para torná-la um problema de investigação científica. Estudos apontam que até o início da década de sessenta a história da infância e a história da educação pareciam ser dois campos distintos e inconciliáveis de pesquisa (p.2).

Hoje, o Estatuto da Criança e do Adolescente garante os direitos à infância e juventude e, dentro deles, o direito à educação. O Art. 53 do ECA assegura que “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho(...)”. Ou seja, além da educação, ela tem por direito se desenvolver plenamente como pessoa e como cidadã.

Ao falar de educação e materiais voltados ao público infantil, nos deparamos com recursos que se mostram como facilitadores e nos auxiliam no trabalho com diversos temas. Temos a literatura infantil aliada à arte, na qual podemos explorar os mais diversos assuntos e usando-a em nosso favor.

Diversos autores brasileiros se destacam quando focamos na literatura infantil, como Ziraldo, Ruth Rocha, Monteiro Lobato, Maurício de Sousa, Ana Maria Machado, dentre outros. Temos também autores estrangeiros reconhecidos, como Hans Christian Andersen e os Irmãos Grimm. Dentre as histórias infantis, existem as classificações como os contos de fadas, as lendas, os mitos e as fábulas, facilitando a escolha e aplicabilidade didática.

As histórias infantis, de alguma maneira, transmitem os valores, há uma moral na história... Para isso é preciso que tais histórias sejam escritas de maneira atrativa para o público a quem se destina.

Os livros infantis da atualidade já abordam os mais variados temas como preconceito racial, questões de gênero e tantas outras questões com que nos deparamos em nosso cotidiano e muitas vezes nos faltam palavras para atender a um público tão pequenino, mas tão curioso e perspicaz. O livro *As aventuras de uma criança downadinha*, da Alessandra Almeida Maltarollo, é um exemplo que traz a questão da Síndrome de Down. Mas, além disso, ela fala sobre a criança ser criança, independentemente de qualquer situação (ver ANEXO 2).

É uma tarefa desafiadora, tanto para pais quanto para professores, que precisam atender às demandas educacionais. Para Zilberman (2007), “o professor precisa se reconhecer como leitor e gostar de se entender nessa condição” (p.1), assim, através do exemplo e da prática, poder transmitir o gosto pela leitura.

Trabalhar com a inclusão e em especial com o TEA traz à tona questionamentos. A linguagem utilizada com um adulto para explicar uma deficiência não será a mesma para trabalhar com uma criança. Freitas (2016) afirma que:

Por esse motivo, sugerimos como possibilidade a contação de história como recurso positivo às práticas inclusivas, cuja temática pode estar ligada diretamente às circunstâncias da sala de aula comum no envolvimento dos destinatários da inclusão. Nessa direção, podemos dizer que pensar e agir na diversidade pode significar pensar e agir a partir de uma nova abordagem, pois

nada é mais urgente e significativo do que a inclusão cujo tempo já chegou (p. 58).

É neste momento que a literatura infantil se firma como facilitadora por sua linguagem acessível para explicar porque somos diferentes e o quanto devemos respeitar a maneira de ser e estar do outro.

3.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

No momento em que nascemos nos colocamos diante de um mundo inteiro que iremos desvendar, seja por meio do contato físico que teremos ou pelos exemplos que veremos. Certamente, uma criança que cresce em um ambiente rodeado por livros e pelo hábito da leitura, irá adquirir este mesmo hábito. Coelho e Pisoni, diz que:

É na atividade prática, ou seja, na coletividade que a pessoa se aproveita da linguagem e dos objetos físicos disponíveis em sua cultura, promovendo assim seu desenvolvimento, dando ênfase aos conhecimentos histórico-cultural, conhecimentos produzidos e já existentes em seu cotidiano. (COELHO; PISONI, 2012, p. 148)

A leitura, e em especial, a contação de histórias, leva os alunos a um mundo incrível da imaginação, estimulando a criatividade e o pensamento crítico. Eles irão criar diversas situações, questionamentos e trabalhar o uso da linguagem.

Para Santos e Silva (...) “podemos considerar que a contação de histórias está nesse mesmo patamar no que diz respeito ao uso da linguagem na divulgação dos conhecimentos e da cultura produzidos pela humanidade” (SANTOS; CAMPOS; SILVA; 2016, p. 32).

É importante a parceria entre família e escola na tarefa de apresentar às crianças o universo da leitura, assim como lhes apresentamos o ambiente escolar, o nosso idioma e todas as vivências relacionadas à educação e cultura. O Art. 4º do ECA assegura que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à

saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (1990)

Ainda em Santos e Silva (2016) “aos adultos cabe, dessa maneira, estabelecer uma relação entre as crianças e os produtos culturais. Interação social e cultural se estabelecem simultaneamente nesse processo de aquisição de linguagem” (SANTOS, SILVA, 2016, p. 28).

Os livros infantis conseguem trazer elementos que instigam e trabalham o universo infantil com uma linguagem acessível aos pequenos leitores, (...) “é possível enxergar a contação de histórias como uma possibilidade de intervenção positiva para estimular a mente dos ouvintes” (...) (SANTOS, SILVA, 2016, p. 37), trabalhando assim, os mais diversos assuntos. Por isso, é tão necessário o olhar sensível do educador e uma análise das situações vivenciadas para tentar suprir as demandas dentro da escola e da sala de aula.

3.2 A ARTE COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Em meio ao turbilhão de coisas que acontecem ao nosso redor no dia a dia, cada vez mais percebemos o quanto a Arte se faz necessária e acontece por si só no mundo. Está na Arte: pintura, dança, música, literatura... Enfim, está na vida!

Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida. Por isso é importante investir no desenvolvimento da criança na faixa etária de 0 a 6 anos, pois é a etapa em que suas percepções, sua atenção e sua memória estão mais receptivas a todo o tipo de estimulação e informação. É quando ela descobre e vai conhecendo o mundo em que vive, por meio das vias sensoriais, motoras, do pensamento concreto e intuitivo, ou seja, pela observação direta do ser, objeto ou fato a ser reconhecido (WEBER, 2017, p. 3).

Não é diferente no âmbito educacional. Arte e Educação acontecem juntas. Acontecem pela arte de educar, educar como um fazer artístico e da contribuição da arte nas atividades escolares. Afinal, nossos pequenos aprendizes adoram fazer arte! E eles fazem isso como ninguém e com uma criatividade inexplicável.

Na medida em que nos tornamos adultos, muitas vezes somos afastados do nosso desejo de nos manifestar artisticamente. Seja pela falta de tempo ou por achar que a arte seja bobagem, o que acaba sendo um grande erro, afinal, a arte nos aproxima do nosso íntimo, dos nossos desejos e da nossa imaginação.

As diversas maneiras de expressão através da arte de alguma maneira tocam em nós e no outro. Aproximam-nos do nosso eu, nos fazem descobrir e desenvolver habilidades que não imaginávamos e muitas vezes trabalham em nós sentimentos e questões antes deixados de lado.

A pessoa autista, apesar das dificuldades no desenvolvimento e interação, mantém algumas áreas preservadas, como, por exemplo, as regiões associadas à música. Isto favorece o trabalho de reabilitação e socialização através da musicalização.

Atividades relacionadas à música envolvem imitação e sincronização, levando à ativação de áreas que contêm neurônios-espelho e proporcionando o desenvolvimento da cognição social, tarefas nas quais indivíduos autistas tipicamente mostram dificuldades (GUERRER; MENEZES, 2014).

Utilizar a arte como um recurso pedagógico é uma verdadeira descoberta. Em especial, se tratando da Literatura Infantil. Como os pequenos leitores adoram ouvir histórias e viajar em um universo mágico, onde tudo pode acontecer. Como as histórias muitas vezes tocam em diferentes pontos em nós e naquele ponto específico que nos faz refletir e com que os pequenos leitores se identifiquem.

A capacidade de simbolizar está diretamente relacionada à linguagem e, de certa forma, às expressões afetivas do indivíduo. É importante que esses aspectos sejam constantemente estimulados no convívio, e que o professor sempre dê relevância a eles, incentivando o aluno a criar vínculos afetivos de qualidade. O educador pode promover atividades que estimulem a imaginação e a criatividade,

como copiar e recopiar desenhos, inserindo sempre modificações, utilizar materiais pedagógicos com diferentes combinações de execução ou **contar e recontar histórias**, modificando-as continuamente, nos casos em que há a comunicação verbal (CUNHA, 2019, p. 39, grifo nosso).

Quando trabalhamos com a criança autista, nos deparamos com a dificuldade que ela tem em abstrair e colocar-se no papel do outro, não tendo sentido as brincadeiras de faz-de-conta inspiradas nas histórias que contamos para elas. Mais ainda quando se trata do grau de autismo grave, onde a criança demonstra dificuldades de ouvir histórias. Mas nem por isso devemos deixar de lado, é exatamente o momento mais propício ao estímulo. É importante ir além da tradicional contação, inserindo recursos como imagens e objetos. Um exemplo desta vivência ocorreu em uma escola de Educação Infantil onde as crianças encenaram uma peça teatral e uma delas, uma aluna autista, interpretou a borboleta que voava livremente em seu papel e em sua própria realidade. Era livre para interpretar e para ser ela mesma.

Estas dificuldades citadas acima fazem também, com que os outros alunos não entendam seu comportamento. Por isso, Freitas (2016) diz que:

Ressaltar o ato de contar história significa oferecer mais uma possibilidade de recurso para a realização da inclusão, porque contar história representa entrar em relação, interagir, estabelecer contato, olhar o outro em várias circunstâncias, principalmente na inclusão quando se pretende ir além da socialização e alcançar também a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa segundo suas singularidades (FREITAS, 2016, p.61).

Dito isto, vemos a importância de desenvolver atividades com histórias, recontos e momentos em que a criança possa ser estimulada à interpretação, criatividade e liberdade de ser e de estar. Além de toda a socialização que estas atividades promovem entre a criança autista e as outras e também entre escola e família, tanto nos ensaios como nas apresentações.

Construir uma ideia a respeito do que o outro pensa, compreender sentimentos, expressões de tristeza e amor, ou perceber o sentido e a subjetividade das ações, torna-se demasiadamente completo no autismo. A dificuldade para reconhecer o afeto de outras pessoas provoca também isolamento (CUNHA, 2019, p. 39).

A interação se faz tão importante e necessária, pois para Cunha (2019) a linguagem, a fala, a capacidade imaginativa, a memória e o desenvolvimento cognitivo também são afetados pela pouca interação com o mundo ao redor (p.47). Para o autista, as ideias, comandos, emoções e sentimentos precisam ficar claros, sem que haja duplo sentido, possibilidade de outras interpretações ou excesso de informação.

Quando somos tocados por um tema, criamos. Assim surgiu a história da “Lalá”¹, história está criada no ano de 2017, no período do meu estágio em Educação Infantil na graduação em Pedagogia. Trata-se de uma menina que vive em um universo só seu e pode fazer dele o que quiser! Ela é esperta e muito amorosa. O livro da Lalá foi inspirado em um enorme desejo de escrever para crianças e contar a história dessa menina autista que passou e deixou sua marca em nós.

Assim, busca-se utilizar a arte como forma de trabalhar a inclusão da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Visto que a pessoa autista tem dificuldades em abstrair e simbolizar, trabalhar a literatura infantil e a contação de histórias, visa estimular a interpretação e o colocar-se no lugar do outro através dos personagens e das emoções vividas por ele.

Seguindo também para o viés da utilização do próprio livro infantil com histórias em que o personagem principal é a criança autista e a sua maneira de ser e estar no mundo. Para explicar a um adulto o que é o TEA a linguagem utilizada é totalmente diferente e até mesmo mais técnica. Assim, o livro seria uma maneira de abordar o transtorno com uma linguagem mais apropriada ao público infantil.

4 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

¹A história da “Lalá” na íntegra se encontra no Anexo 2.

O Transtorno do Espectro Autista, conhecido como TEA ou ASD (*Autism Spectrum Disorder*), de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) é um transtorno de desenvolvimento comportamental e cognitivo, que prejudica a capacidade de comunicação e interação social e tem como característica um comportamento restritivo e repetitivo. Podendo ocorrer também associado a algumas síndromes genéticas. Cunha (2019) afirma que:

Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes. Tem em seus sintomas incertezas que dificultam, muitas vezes, um diagnóstico precoce (p. 19).

De acordo com Brito e Vasconcelos (2016), pela classificação do DSM-IV-TR, utilizava-se o termo TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento) para abranger espectros de distúrbios de desenvolvimento, tais como: Transtorno autista ou Autismo clássico, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância ou síndrome de Heller, síndrome de Rett e TGD-SOE ou transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação. No entanto, com a adoção da 5ª edição do manual (DSM-V), todos estes acima citados foram classificados dentro do Transtorno do Espectro Autista.

A Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, conhecida como “Lei Berenice Piana” institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. O parágrafo 2º da lei diz que “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais”, o que garante os seus direitos não só como pessoa com deficiência, mas como ser humano. E ainda, acesso a serviços de saúde, medicações, proteção, educação, nutrição adequada, dentre outros. Assim, Romero (2018) esclarece que:

Paulatinamente, os direitos dos indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista vêm sendo assegurados, felizmente, transformando a vida dos

mesmos e de suas famílias mais próximas da realidade em que todos nós vivemos (p. 24).

O autismo se classifica por graus que são: leve, moderado e severo. Ou nível 1, 2 e 3. Para Cavaco (2020), (...)” não é uma condição de ‘tudo ou nada’; ao contrário, é visto como um contínuo que vai do grau leve ao severo” (p. 27).

O primeiro nível se caracteriza pela pouca dependência, porém acaba trazendo dificuldades de comunicação e organização. No nível dois podemos observar um déficit notável e dificuldades em mudar seu foco nas atividades. Já o terceiro nível vem acompanhado de severos prejuízos na comunicação, dificuldades na mudança de rotina, comportamento repetitivo e assim, uma maior dependência.

(...)atinge a comunicação, a interação social, a imaginação e o comportamento. Não é algo que a criança possa contrair, não é causado pelos pais nem educadores. É uma condição, um estado que prossegue a criança até à adolescência e idade adulta, prolongando-se ao longo de sua vida (CAVACO, 2020, p. 28-29).

Outra importante característica observável é a questão do olhar, principalmente nos bebês e crianças pequenas. Geralmente, é o primeiro sinal observado pela mãe no momento da amamentação. A criança tem dificuldades de olhar nos olhos do outro, às vezes olha, mas rapidamente muda o foco. Na fração de tempo em que olha para o outro, seu olhar é muito marcante. Romero (2018) afirma que “bebês com Autismo não se aconchegam no colo ou no seio da mãe, não trocam olhares, não têm movimentos antecipatórios” (...) (p. 25).

Todas as características citadas acima, e outras também observáveis, se enquadram dentro do M-chat, um instrumento de rastreamento precoce do autismo. É comum que a criança autista não aponte para os objetos e utilize o adulto como ferramenta para buscar ou mostrar algo. Também, não se reconhece pelo nome e como sujeito, usando assim a fala na terceira pessoa. Não se interessa em interagir com outras crianças, brincar de faz de conta ou de construir com objetos, apenas ocupa-se em organizá-los. “É um conjunto de sintomas iniciados na infância, onde a capacidade

para pensamentos abstratos, jogos imaginativos e simbolização fica severamente prejudicada” (CUNHA, 2019, p. 27).

A síndrome de Asperger, de acordo com o DSM 5, foi retirada da classificação do autismo clássico, sendo considerada um grau de autismo leve. De acordo com o Manual:

O transtorno do espectro autista é um novo transtorno do DSM-5 que engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação do DSM-IV. Ele é caracterizado por déficits em dois domínios centrais: 1) déficits na comunicação social e interação social e 2) padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades (2014, p. 853)

Algumas características a diferem do Asperger. Esse não costuma ter o diagnóstico precoce, no qual se observam atrasos evidentes, questões cognitivas e necessidade de adaptação assistida. A síndrome de Asperger apresenta um diagnóstico mais tardio, os atrasos são mais discretos, as dificuldades mais leves e uma maior independência. Por isso, acaba sendo diagnosticado mais tardiamente, o que culmina no prejuízo do trabalho que poderia ser feito por pais e profissionais da saúde e educação, visando um melhor desenvolvimento dessa criança. Para Romero (2018):

Com o passar do tempo, perante o desejo e a necessidade de obter condições sociais adequadas aos seus familiares, pais e responsáveis de crianças com Autismo aliam-se a profissionais da área da saúde e da educação, buscando melhor qualidade de vida para seus entes queridos. Há então, um avanço significativo de estudos, pesquisas e políticas referentes a ambos os assuntos: autismo e inclusão (p. 15).

Quadro 1 – Asperger x Autismo.

br.guiainfantil.com	
Asperger	Autismo
<i>Coeficiente intelectual geralmente acima do normal</i>	<i>Coeficiente intelectual geralmente abaixo do normal</i>
<i>Normalmente o diagnóstico se depois dos 3 anos</i>	<i>Normalmente o diagnóstico se antes dos 3 anos</i>
<i>Aparecimento da linguagem em tempo normal</i>	<i>Atraso no aparecimento da linguagem</i>
<i>Todos são verbais</i>	<i>Cerca de 25% são não-verbais</i>
<i>Gramática e vocabulário acima da média</i>	<i>Gramática e vocabulário limitados</i>
<i>Interesse geral nas reações sociais. Desejam ter amigos e se sentem frustrados pela dificuldade social</i>	<i>Desinteresse geral nas reações sociais. Não desejam ter amigos</i>
<i>Incidência de convulsões igual que o resto da população</i>	<i>Um terço apresenta convulsões</i>
<i>Se sente confuso</i>	<i>Desenvolvimento físico normal</i>
<i>Interesses obsessivos de "alto nível"</i>	<i>Nenhum interesse obsessivo de "alto nível"</i>
<i>Os pais detectam problemas por volta dos dois anos e meio</i>	<i>Os pais detectam problemas por volta dos 18 meses de idade</i>
<i>As queixas dos pais são os problemas de linguagem, ou em socialização e conduta</i>	<i>As queixas dos pais são os atrasos da linguagem</i>

Fonte: Guia Infantil, 2017.

Vale ressaltar que há diferentes percepções dentro do mesmo tema quando falamos em autismo, tais quais: a visão dos pais e familiares da pessoa autista, o olhar dos professores e/ou profissionais de educação em geral, o parecer dos profissionais da saúde e a própria pessoa autista percebendo com diferença. Sem contar que há diferentes comportamentos dentro da mesma síndrome que também são evidentes.

Assim, Vigotski (1997) apud Chiote (2015) esclarece:

Assim como as crianças normais apresentam particularidades em seu desenvolvimento, o mesmo acontece com a criança deficiente que se desenvolve de um modo distinto e peculiar, ou seja, ela necessita de caminhos alternativos e recursos especiais. A educação especial, por caminhos diferentes, precisa promover experiências que invistam no desenvolvimento cultural da criança, sua participação nos diferentes espaços e atividades cotidianas (p. 39).

Apenas para exemplificar algumas características, serão usadas três crianças da mesma faixa etária (por volta dos dois anos de idade), nomeadas como criança A (menina), criança B (menino) e criança C (menina) de uma escola de educação infantil.

A criança A, já com diagnóstico de autismo, tem um comportamento bem mais agitado. Não consegue atenção por muito tempo em uma mesma atividade, costuma correr pela sala de aula, focando em objetos distintos. (...) “As meninas mostram sintomas diferentes e menos sinais mais tradicionalmente associados com o autismo, como comportamento repetitivo” (ORRÚ, 2011, p. 23). Ela sempre prefere se distrair com outros objetos e situações distantes da atividade feita com as demais crianças, precisando ser atraída o tempo todo.

A criança B ainda não tem diagnóstico, mas todo o seu comportamento, principalmente a questão do olhar, deixa bastante claro se tratar de um aluno autista.

Para receber o seu olhar, o professor precisa fisicamente abaixar-se até ela, ficar na altura do seu tamanho, olhá-la nos olhos, na sua estatura. Atraí-la pelo olhar. Quando o professor faz assim, é possível que a criança o veja.

Isto é muito significativo e deve ser usado sempre com qualquer indivíduo na educação, porque, verdadeiramente, é essencial atraí-lo para educar (CUNHA, 2019, p. 34).

Seu comportamento é mais calmo, se fixa muito em uma atividade, principalmente em organizar os objetos. Em determinada aula, as crianças que terminavam a atividade de colorir ficavam livres para brincar pela sala, ele preferiu continuar sentado organizando o giz de cera, um ao lado do outro. Outra situação, também em um momento de atividade mais livre, sua distração foi organizar todas as cadeiras em fila enquanto as outras crianças brincavam juntas pela sala de aula.

(...) as aptidões que ele possui servem como propulsores para aquisição de novas habilidades. Exercícios que explorem as suas peculiaridades descortinam possibilidades incontestáveis de novas aprendizagens (CUNHA, 2019, p. 43).

Por isso a necessidade de uma avaliação diagnóstica, não para que o aluno seja avaliado, mas para que o contexto e as necessidades sejam observados e levados em consideração na hora de planejar atividades mais propícias ao seu aprendizado, como por exemplo, brincadeiras de separar objetos da mesma cor ou formato.

A observação e o registro devem ser feitos de modo que o professor analise seu aluno em todos os aspectos: cognitivo, social e afetivo. De forma contínua e periódica, descrevendo os objetivos a serem alcançados, os recursos utilizados e a maneira como o aluno se saiu – suas facilidades e suas dificuldades (ROMERO, 2018, p. 58).

Ambos são bastante carinhosos, mas o aluno B busca sempre a atenção e o aconchego de um adulto. A criança A já busca o acolhimento nos momentos de birra em que é chamada atenção por algum adulto, procurando assim, o colo de outro.

Ainda na mesma turma, temos a aluna C que também não possui nenhum diagnóstico, mas que apresenta, desde o primeiro dia de aula, a ecolalia. Ecolalia (...)

“é a repetição mecânica de palavras ou frases” (...) (CUNHA, 2019, p. 27). A criança repete diversas vezes a mesma palavra ou frase, reproduzindo algo que foi dito naquele momento ou que ela tenha escutado em outro contexto completamente diferente. Esta aluna costuma aprender rapidamente novos vocábulos, visto que ela se utiliza da repetição e curiosidade. Também não se reconhece pelo nome, usa sempre a terceira pessoa, chamando-se sempre pelo próprio nome. Tem dificuldades em fixar o olhar, se concentrar nas atividades e quando se interesse por uma, acaba tendo certa resistência em encerrá-la para iniciar outra, demonstrando assim, cada vez mais momentos de irritação.

Em determinada atividade de contação de história e teatro com personagens em palito, a aluna C mostrou bastante curiosidade sobre o que era tudo aquilo e em manusear os fantoches, principalmente quando a personagem principal se perdia dos seus filhotes, onde havia o sentimento de preocupação e tristeza, mas no final eles se reencontravam e todos ficavam felizes

Contar história no processo de ensinar e aprender não pode ser baseado em uma relação desinteressada de afeto, emoção, ou seja, sem que a emoção não esteja presente nessa troca bidirecional do professor com seus alunos. A ausência de emoção não pode se tornar lugar comum na contação de história e, pelo contrário, deve ser extremamente empolgante e emocional (SANTOS; CAMPOS; FREITAS, 2016, p. 61).

Por isso, a importância de trabalhar as emoções e principalmente com bastante entonação para que esses sentimentos possam ser observados e vivenciados pelas crianças, ainda mais no trabalho com a criança autista.

Ao longo das observações feitas, podemos perceber as diversas especificidades dentro de uma única síndrome. O que nos faz refletir sobre a prática diária, tanto como educador quanto como profissional da saúde. As atividades precisam ser cada vez mais pensadas não somente de maneira coletiva, mas levando em consideração as peculiaridades de cada aluno. Algumas tarefas propostas, mesmo levando em conta a

mesma síndrome, podem ser prazerosas, mas também extremamente estressantes para os autistas.

Existe uma data especial, determinada pela ONU, a partir do ano de 2008, como dia da conscientização mundial do Autismo, que ficou sendo no dia 02 de abril. Visto que a síndrome acontece mais em meninos que meninas, a cor azul passou a ser seu símbolo.

4.1 INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA

Naturalmente, crescemos e aprendemos ao longo das vivências e experimentações entre pares. Para qualquer criança recém chegada a uma escola tudo é novidade e pode haver estranhamentos. Mas a relação com outros semelhantes facilita a inclusão.

Quando falamos em inclusão podemos estar falando de cada uma destas crianças que demandam diferentes cuidados e dificuldades. Ao falar de um aluno com TEA estaremos diante de mais um desafio.

Neste caso podemos citar a importância da inclusão de fato, onde as crianças com alguma deficiência interajam com crianças que estejam com desenvolvimento além, realizando a troca de saberes e experiências, onde ambos passam a aprender junto. Vigotsky defende a educação inclusiva e acessibilidade para todos (COELHO; PISONI, 2012, p.146).

A mente de uma criança absorve cada informação passada e observada para ela e por ela. Ela aprende e adquire habilidades ao longo da infância através das situações vividas no cotidiano. Cunha (2019) diz que no caso da criança autista (...) “as coisas não são bem assim. Há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos” (...) (p. 31).

A criança autista não consegue atribuir valor e sentido aos objetos ao nosso redor e sua utilidade. Dito isto, cada item à nossa volta pode ser uma oportunidade para o aprendizado. Do mais simples objeto ou atividade, que para outra pessoa seria

óbvia, para ela pode ser uma atividade desafiadora. Além do ambiente, que precisa estar preparado para receber autistas.

Diante disso, tudo passa a ter valor pedagógico: os usos, as habilidades e as atividades mais elementares da vida diária devem ser exercitadas, buscando o conhecimento funcional e mais destreza motriz (CUNHA, 2019, p. 32).

A equipe pedagógica e a parte física de uma escola precisam estar preparadas para receber e acolher as necessidades de cada um. Cada elemento pode e deve ser utilizado em favor da inclusão. Também é preciso trabalhar com cautela para que o excesso de informações não seja um empecilho. Visto que muitos estímulos para a criança autista possam tirar seu foco e até mesmo se tornar esgotante.

A diversidade está representada de formas diferentes na escola. No que se refere às deficiências, há uma incidência diferente de cada uma na população. Por outro lado, a preparação das escolas para receber alunos com diversas características e possibilidades de adaptação e aprendizagem influencia essa representação (LIMA; LAPLANE, 2016, p. 270).

O mais importante é que haja paciência, persistência e colaboração por parte das pessoas ao seu redor. Valorizar o processo é fundamental, mesmo que os resultados possam não aparecer (e não irão!) de imediato. Por isso, Chiote (2015) afirma que

O desenvolvimento humano não pode ser visto como um percurso solitário; ele depende dos modos de participação do outro, na inserção e interação do sujeito na vida cultural, um processo que acontece a partir da linguagem que possibilita a comunicação e a realização de ações conjuntas (p. 43).

O educador estará sempre aprendendo com o educando. Interessante que se percebam as características do aluno para que, a partir disto, seja feito um trabalho apropriado. E até mesmo partindo das suas próprias estereotípias e usá-las de maneira favorável. Cunha afirma que “avaliar para agir e para cumprir as ações pedagógicas de

ensino e aprendizagem requer capacitação e entendimento. Entendimento para perceber pistas de como o autista aprende” (...) (p. 14).

Outro ponto é trabalhar a questão do olhar, visto que a criança autista tem dificuldades de olhar nos olhos do outro. Orrú (2011) considera que:

Muitas das alterações apresentadas por crianças autistas ocorrem em razão da falta de reciprocidade e compreensão na comunicação, afetando, além da parte verbal, as condutas simbólicas que dão significados às interpretações das circunstâncias socialmente vividas, dos sinais sociais e das emoções nas relações interpessoais (ORRÚ, 2011, p.34).

Afinal, percebemos o outro através do contato visual, o que, para o aluno autista, é algo ainda mais significativo. Sem contar que o contato visual estimula a criação de vínculo e o afeto, o que tornará o trabalho ainda mais especial. Amaral (2014) reforça que:

O mais importante é o carinho e a valorização dos pré-conhecimentos sempre. Valorizar suas potencialidades em detrimento das suas dificuldades. Tratá-lo da mesma maneira que os demais é fundamental para o seu desenvolvimento (p.24).

Só então viveremos uma inclusão prática, não apenas teórica. Quando observarmos o outro com respeito, pois, além da pessoa com necessidades especiais, estamos lidando com um ser humano.

4.2 AUTISMO EM SALA DE AULA

A inclusão é um processo de acontece diariamente, mas não basta que o aluno seja apenas colocado em sala de aula. Os desafios serão muitos, visto que estamos falando do processo de adaptação que também acontece com qualquer criança, da inclusão do aluno autista e das necessidades advindas do transtorno.

Os professores costumam referir que a formação universitária e as práticas tradicionais de ensino não dão conta do aluno que se encontra em sua sala de aula. Isto faz com que se sintam, muitas vezes, sobrecarregados e impotentes mediante as problemáticas que se colocam no cotidiano (LAGO; SANTOS, 2011, p.5).

É fundamental que se explique para os alunos sobre o transtorno, de maneira simples. Falar sobre o autismo é falar sobre conscientização, respeito e empatia. Mostrar que a criança ou o adulto autista tem uma maneira diferente de ver e sentir o mundo, mas que eles também possuem habilidades e pontos em comum.

A questão da inclusão não é apenas um direito a ser conquistado. É preciso que os pais e os professores percebam que a convivência da criança com autismo junto a outras crianças sem a síndrome irá beneficiá-la e muito, pois ela carece deste espaço que privilegia as relações sociais e não a segregação. Com certeza, ela irá apreender e internalizar conhecimentos que jamais experimentaria se estivesse segregada em uma instituição especializada (ORRÚ, 2011, p. 79).

As crianças são naturalmente curiosas, por isso, é importante que se abra um espaço de diálogo e perguntas, até mesmo juntamente com os pais e responsáveis. Este momento é essencial para esclarecer dúvidas e mostrar o quão importante é a socialização e a convivência, tanto para o aluno autista quanto para o aluno que não tem nenhuma síndrome.

Ao trabalhar a inclusão do aluno autista em sala de aula é importante que alguns fatores sejam levados em consideração. Por exemplo, na questão da literatura e contação de histórias, devemos considerar que os livros devem ter frases que expressem as ações de maneira mais clara possível, levando em consideração a possível dificuldade que o aluno autista tem de interpretar situações vividas e questões simbólicas.

O autista que ainda não lê convencionalmente, o faz por meio da leitura auditiva, ou seja, é quando pais e educadores fazem a leitura para que o autista observe as letras, imagens, cores, formas e detalhes contidos na história. Esse ato permite que o autista analise aspectos do gênero que está ouvindo para elaborar conhecimentos da linguagem (ISCHKANIAN, 2014, p. 2).

É interessante que, tanto no ambiente familiar, como na escola, haja um cantinho confortável e aconchegante para o momento da leitura, afinal, a criança se interessa pelos hábitos e exemplos que observa ao seu redor. Um espaço adequado, material lúdico e interessante, além de tornar o momento da leitura especial, também irá instigar o desejo e a curiosidade.

5 A ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Seja na Educação Especial ou não, com adultos ou crianças, a arte nos move e nos toca. Ela está ao nosso redor, está em nós. E poder expressar nossos sentimentos e desejos através da arte, sem cobranças ou julgamentos, nos leva a descobrir e até mesmo desenvolver habilidades. Assim,

A importância da Arte não está apenas no desenvolvimento da criatividade que ela proporciona, ou no aprimoramento das formas de percepção por parte das Pessoas Portadoras de Necessidades Educativas Especiais, pois a Arte é relevante enquanto objeto de conhecimento que amplia a compreensão do homem a respeito de si mesmo e de sua interação com o mundo no qual vive (WEBER, 2017, p. 3).

Dentro da Educação de Pessoas com Deficiência, observa-se a importância, além do desenvolvimento humano, também o desenvolvimento motor e cognitivo, de acordo com suas especificidades e necessidades, trazendo cada vez mais estímulo e prazer.

O principal objetivo do ensino da arte para o portador de necessidades educacionais especiais é oferecer-lhes oportunidade de desenvolver suas potencialidades através da criatividade, raciocínio, percepção e domínio motor, tendo o acompanhamento de pessoas e profissionais esclarecidos de sua importância, compreendendo os resultados e efeitos provenientes das práticas sugeridas (WEBER, 2017, p. 2).

O espaço escolar é um ambiente propício para que esta ação aconteça, mesmo diante das dificuldades muitas vezes de espaço e material apropriado. Além do que, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96, Art. 26, § 2º assegura que

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (BRASIL, 1996, p. 19).

Ou seja, garantia da disciplina no espaço escolar, mas não necessariamente que acontecerá de forma plena e acessível a todos. Por isso, cabe à comunidade escolar uma iniciativa para que a mesma ocorra de fato.

Weber (2017) ainda afirma que:

(...) a arte iguala as diferenças, por isso, deve-se estimular a realização de programas de Arte com música, dança e expressão corporal, nos quais a Pessoa Portadora de Necessidades Especiais não passa pela competição, e sim pelo prazer. A arte é o prazer da surpresa (p. 4).

A arte está presente em todos os momentos e pode ser aproveitada da melhor maneira possível dentro do contexto escolar ou não. Mas principalmente na escola possibilita uma vasta e rica experiência ao professor e aos alunos desenvolvendo e descobrindo habilidades, promovendo autoconhecimento, melhora da autoestima, ocupação, dentre outras questões importantes para o desenvolvimento do ser humano e do ser indivíduo.

Na Educação Especial, a Arte é eficiente e democrática, por desenvolver as múltiplas inteligências. Ela trabalha mais fortemente os componentes intuitivos, sensoriais e a percepção espacial. Portanto, as oportunidades da criança com Necessidades Educacionais Especiais ser bem sucedida nas Artes, de sentir-se aprovada, ter seu ego cultural reforçado, e assim, se desenvolver cognitivamente são imensas (WEBER, 2017, p. 7).

Embora sabendo que na prática estas ações dependem muito de espaço, materiais apropriados, mobilização de um todo e principalmente dos poderes públicos que têm a obrigação de cumprir o que está previsto em lei, o objetivo maior deve ser sempre o atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais e seu desenvolvimento.

Para Ferracioli e Vitaliano (2017):

Sem a apreensão dos saberes artísticos, o indivíduo não se constitui integralmente. Somente uma formação integral para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura possibilita que o indivíduo se relacione com o outro em condição de igualdade (p. 1076).

Assim, o reforço positivo será sempre um motivador para o aluno, encorajando a criança que cada vez mais irá avançar dentro das suas possibilidades e o professor na busca de alternativas. É dentro desse trabalho conjunto que ambos se encontram, aluno e professor, em uma busca contínua de saberes e fazeres.

E ainda falando sobre o professor, é importante que este profissional se qualifique e busque sempre se atualizar e inovar para melhorar sua prática. É certo que os desafios são e serão parte do cotidiano educacional, ainda mais se tratando do trabalho de inclusão. Muitas vezes faltam recursos, profissionais capacitados, material e espaço adequado, mas que não falte a vontade de fazer diferente e de fazer a diferença.

5.1 PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

A formação de um professor, seja para qual for o segmento, precisa dar um mínimo de suporte e preparo para a real atuação em sua profissão. Teoria e prática precisam

caminhar juntas, mesmo sabendo que a realidade, na maioria das vezes é bem diferente. Em seu trabalho deve haver constante reflexão sobre teoria e prática.

Em relação à legislação, destaca-se como marco jurídico-institucional fundamental a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira* (LDB 9394/96), aprovada em 20 de dezembro de 1996. O objetivo dessa foi iniciar um processo de mudanças em todos os níveis da educação, que foram reorganizados em educação básica - que abarca a educação infantil, o ensino fundamental, o ensino médio - e ensino superior. A LDB dedica um capítulo à formação de professores, assinalando os fundamentos metodológicos, os tipos e as modalidades de ensino, bem como as instituições responsáveis pelos cursos de formação inicial dos professores. Também, no artigo 13, a LDB estabelece as incumbências dos professores, independentemente da etapa escolar em que atuam (PLETSCH, 2009, p. 2).

Muitas disciplinas fazem parte da graduação na formação de um professor, mas também muitos conteúdos acabam sendo vistos de maneira superficial, por exemplo, nas disciplinas que abordam a inclusão e a Educação Especial. De fato, as temáticas não se esgotam e cabe também ao profissional atualizar-se ao longo de sua trajetória. O que muitas vezes se torna difícil por conta da sua carga extensa de trabalho. Porém, ao longo da prática nos deparamos com diversidades que muitas vezes não estamos prontos para lidar. Por maior que seja seu currículo, a vivência pode demandar muito além que do que estamos preparados. Por isso, a necessidade do estudo contínuo e da reflexão sob sua prática.

A preparação dos professores vem sendo mudada nos currículos das universidades, mas temos que entender que só a teoria não te diz como dar aulas ou resolver problemas e sim a teoria com a experiência poderá dar um subsídio maior para professor enfrentar essa pedagogia das diferenças e não a da inclusão. Também um professor só com práticas e nenhum subsídio teórico para se apoiar, não consegue abranger a todos (MARQUES; MARCOTTI, 2017, p.78).

Além da graduação, é muito importante uma educação continuada, teórica e prática, do profissional para se tornar um especialista na área, afinal, os conteúdos da Educação

Especial são muito abrangentes e necessários para uma educação de qualidade e integração adequada dos alunos em classes regulares. Afinal, observamos também diversas especificidades dentro de uma mesma síndrome, o que demanda atenção nas atividades propostas para que o trabalho possa ser mais apropriado e prazeroso para o aluno. Quanto mais o professor reflete sobre sua prática, a partir das vivências diárias, mais ele consegue adequar e alinhar as tarefas propostas com as necessidades de cada aluno.

Pode-se considerar que a formação continuada dos professores, em contexto deve ter como foco as diferentes situações que constituem o ato educativo, a análise das práticas docentes e a criação de espaços para a reflexão coletiva. Possibilita também a construção de mudanças nas práticas pedagógicas, no currículo, no ensino e na aprendizagem dos alunos, inclusive daqueles com deficiências (MARQUES; MARCOTTI, 2017, p.78).

De acordo com Santos (1992) apud Lago e Santos (2011)

Para o Ministério da Educação do Brasil (MEC/2004), a utilização do termo Educação Inclusiva visa romper com a ideia de integração das pessoas com deficiências, baseada no paradigma de aproximação da normalidade, em que o sujeito adapta-se às condições vigentes. A inclusão, pelo contrário, centra-se na mudança das instituições e práticas sociais no sentido de acolher a todos, com respeito às diferenças. Por isto mesmo, em que pese o termo ainda estar intimamente associado às pessoas com deficiências, ele está longe de se resumir tão somente a este grupo (p.2).

Assim, a educação inclusiva deve visar uma maior igualdade nas possibilidades de ensino para o aprendizado de todos os alunos, acolhendo as diferenças com respeito. Mas sem esquecer que sim, a inclusão deve visar o acolhimento e respeito às diferenças e não a ideia de tornar todos “iguais”. Cada pessoa possui sua singularidade, o que demanda um trabalho diferenciado. Para isso, a prática do professor envolvido deve ser sempre voltada para a reflexão dos seus desafios cotidianos em busca de alternativas e atualização.

Sabe-se que somente a legislação não é suficiente para garantir uma prática inclusiva nas escolas, que, historicamente, desenvolvem uma rotina que se pode chamar de excludente. Atualmente espera-se que o professor capacite-se para ensinar na lógica da inclusão, sob a perspectiva de um ensino que possa atingir a todas as crianças, independente de suas condições sociais ou intelectuais (LAGO; SANTOS, 2011, p. 4).

Sendo assim, uma prática inclusiva deve estar apoiada tanto na legislação quanto na teoria e no trabalho diário da própria vivência, onde cada aluno, turma ou escola irá demandar um planejamento diferente. Além das barreiras físicas, é preciso romper as barreiras do preconceito. As mudanças estruturais como rampas, banheiros adequados são necessários, mas não garantem a inclusão que tanto se busca. Não basta que o aluno esteja ali fisicamente e totalmente excluído das atividades e da socialização com a turma.

A proposta de trabalhar a arte, em especial com os livros infantis voltados à inclusão coloca o educador diante de um desafio, mas também de um grande aliado. A linguagem utilizada na literatura infantil atingirá de maneira mais fácil e leve o público ao qual está destinado. Mesmo que o aluno autista tenha dificuldades em abstrair, as histórias infantis atingem o imaginário além de ser uma maneira menos complexa de explicar as diferenças para os outros alunos.

6 CONCLUSÃO

A literatura infantil no viés da arte tem sido uma poderosa aliada da educação, com grande valor pedagógico e na formação integral da criança, pois é na primeira infância que a criança constrói e forma conceitos importantes para sua vida adulta, tendo a arte como uma facilitadora deste processo.

Qualquer forma de arte funciona como uma facilitadora do acesso aos diversos temas que nos deparamos cotidianamente em sala de aula e muitas vezes sem saber como mediar, sendo assim, a literatura infantil auxilia na abordagem de temas como a inclusão, utilizando linguagem específica para o público infantil, em classe comum e público alvo TEA. A infância é a fase de desenvolvimento mais propícia ao aprendizado e transmissão de valores que norteiam a vida.

A arte com todas as suas possibilidades de atuação, seja na pintura, na dança, na música, na leitura e em todas as suas formas, permitem um vasto trabalho, principalmente se tratando da inclusão. Além da liberdade, do prazer e do fazer sem julgamentos, a arte permite o desenvolvimento motor, cognitivo e até a descoberta de novas habilidades.

Os livros infantis têm sua maneira de envolver e encantar as crianças, fazendo com que elas se identifiquem com seus temas, personagens e situações vividas, facilitando assim, trazer a questão da inclusão através da contação de histórias. Isto fará com que os alunos entendam de maneira menos complexa que todos nós temos nossas diferenças e elas devem ser respeitadas. Além disto, trabalhando a leitura com o aluno TEA também se contribuirá, pois, a criança autista tem a dificuldade de se colocar no lugar do outro, abstraindo para os jogos simbólicos, como ocorrem nas brincadeiras de “faz-de-conta”. Como culminância de uma história, vale também o trabalho de atuação, montando uma peça de teatro, que permitirá ao aluno a vivência da história contada. E, além disto, a interação com as outras crianças e a relação escola e família. Experiência esta riquíssima para o aluno autista.

O contato com os livros desde a primeira infância é fundamental para desenvolver o gosto pela leitura, e para tal, a presença e o incentivo da família e da escola em conjunto serão a peça chave deste processo. Ofertar livros, materiais de comunicação alternativa e

espaço adequado farão com que a leitura se torne algo prazeroso e espontâneo. A leitura é fundamental na formação integral do ser humano, destacando-se a importância do início do contato com livros e leitura, desde a primeira infância.

Além das outras formas de arte citadas, como a música, a dança, a pintura, dentre outras tão importantes no trabalho da socialização, autoestima, desenvolvimento cognitivo, motor e de habilidades.

O educador é peça principal e seu planejamento deve levar em consideração as necessidades observadas no aluno. Mesmo diante das dificuldades o professor deve buscar sempre a inovação em suas aulas, onde cada conquista do educando será sua principal motivação.

E não só o professor, como a parceria entre professor, equipe escolar e família são fundamentais para que o trabalho possa ser efetivado, observando cada peculiaridade do aluno e para que os avanços possam ser contínuos.

Também não bastam as alterações no espaço para que a inclusão aconteça. Estas modificações são sim, necessárias, mas não as únicas. É preciso que o olhar para a inclusão aconteça. Que teoria e prática se alinhem na busca de um trabalho que possa acolher e respeitar as diferenças e as demandas educacionais.

Ao trabalhar o respeito ao próximo tão essencial para que todas as crianças e em especial, a criança autista incluída esteja em classe comum, possibilitará um ambiente acolhedor que faculte a paz na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M. C. M. PONDÉ, M.P. Parenting a child with autism. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852019000100042&lang=pt> Acesso em: 05 jun. 2019.

AMARAL, Priscilla. **Autismo: no tempo da delicadeza**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

BRANCHER, Vantoir Roberto. NASCIMENTO, Cláudia Terra do. OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. Paraná: Revista Olhar do Professor, 2008. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2011/08/infancias.pdf>> Acesso em 27 nov. 2020

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.htm> Acesso em: 05 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 05 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1_ed.pdf> Acesso em: 05 jun. 2019.

BRITES, C. *Asperger x autismo: qual é a diferença?* 2016. 30 min, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7Kbum51hZzs>> Acesso em: 05 jun. 2019.

BRITES, C. *Autismo: transtorno do espectro autista*. 2014. 97 min, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VzAlj6DPhGg>> Acesso em: 09 out. 2019.

BRITES, C. *O que é o transtorno global do desenvolvimento (TGD)?* Disponível em:<<http://entendendoautismo.com.br/artigo/o-que-e-o-transtorno-global-desenvolvimento-tgd/>> Acesso em: 09 out. 2019.

BRITES, C. *Quais os critérios de diagnósticos do autismo?* Disponível em: <<http://entendendoautismo.com.br/artigo/quais-os-criterios-de-diagnosticos-do-autismo/>>Acesso em: 05 jun. 2019.

BRITO, Adriana Rocha. VASCONCELOS, Marcio Moacyr de. Transtornos do Espectro Autista. In: BRITO, Adriana Rocha. VASCONCELOS, Marcio Moacyr de. **Necessidades Educacionais Especiais**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2016. p. 33-42.

CASTRO, Eliane Fernandes de. *A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança*. Disponível em:<<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>> Acesso em: 18 set. 2019.

CAVACO, Nora. **Autismo o que precisamos saber: caderno de apoio teórico e prático**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2020.

CAVALCANTE, Meire. *Entrevista com Regina Zilberman: Pesquisadora fala sobre o trabalho com a leitura nas escolas e a importância de o professor ser ele mesmo um leitor*. 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/953/entrevista-com-regina-zilberman#>> Acesso em: 19 set. 2019.

CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

COELHO, Luana. PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. Revista e – Ped – FACOS/CNEC Osório. Vol. 2 – N° 1 – A G O / 2 0 1 2 – I S S N 2 2 3 7 - 7 0 7 7. p. 144-152. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e->

[ped/agosto_2012/pdf/vygotsky - sua teoria e a influencia na educacao.pdf](#) Acesso em: 25 nov. 2020.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

CUNHA, Eugênio. *Autismo: um olhar pedagógico para a inclusão*. Disponível em: <<https://www.eugeniocunha.com.br/artigo/111/autismo-um-olhar-pedagogico-para-a-inclusao>> Acesso em: 28 mai. 2019.

CUNHA, Eugênio. *Autismo infantil: Práticas educativas na escola e na família*. Disponível em: <<https://www.eugeniocunha.com.br/artigo/24/autismo-infantil-praticas-educativas-na-escola-e-na-familia>> Acesso em: 28 mai. 2019.

FERRACIOLI, Hellen Cristhina. VITALIANO, Célia Regina. **Arte-educação e inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular**. XVII SEDU Semana da Educação UEL “Educação e Dilemas Contemporâneos”. Londrina, Paraná, 2017. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:pagUKxNIn-gJ:www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/Anais/2017/Anais/Artigo/Eixo%25202%2520Educacao%2520e%2520Diversidade%2520e%2520Direitos%2520Humanos/ARTE-EDUCACA%2520EINCLUSAO%2520DE%2520ALUNOS%2520COM%2520NECESSIDADES%2520EDUCACIONAIS%2520ESPECIAIS%2520NA%2520ESCOLA%2520REGULAR.doc+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 11 jan. 2020.

GUERRER, Bruna Luiza; MENEZES, Jaqueline Lima de. **Percepção musical em crianças autistas: melhora de funções interpessoais**. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/neuroemdebate/?p=1393>> Acesso em: 02 fev. 2020.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond. **Autismo e leitura**. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/SimoneHelenDrumond/8-autismo-e-leitura>> Acesso em: 27 nov. 2020.

LAGO, Mara; SANTOS, Mônica Pereira. **Inclusão em Educação: Desafios da Formação Docente**. In: Anais do III Seminário de Educação Brasileira. Plano Nacional de Educação:

Questões Desafiadoras e Embates Emblemáticos. Campinas: CEDES, 2011, p. 944 – 958.
Disponível em:

<<http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/ARTIGO%20CEDES%20COM%20DADOS%20DE%20PUBLICA%C3%87%C3%83O.pdf>> Acesso em: 11 mar. 2020.

LIMA, Stéfani Melo. LAPLANE, Adriana Lia Friszmande. *Escolarização de alunos com autismo*. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 22, n. 2, p. 269-284, Abr.-Jun. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000200269&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 15 out. 2019.

MALTAROLLO, Alessandra Almeida. **As aventuras de uma criança downadinha**. Rio de Janeiro: Zit editora, 2016.

MANES, R. *25 sinais de autismo em crianças a partir de 2 anos*. 2019. 19 min, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X2IOpsvUgbc>> Acesso em: 17 set. 2019.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>> Acesso em: 02 jan. 2020.

MARQUES, Michele Ferreira. MARCOTTI, Paulo. **Educação Inclusiva: formação e prática docente**. Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 77-86, mar./jun. 2017. ISSN 2594-4800 | e-ISSN 2594-4797 | doi: 10.22287/rpgm.v1i1.484. Disponível em: <<http://fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/484>> Acesso em: 11 mar. 2020.

MEDINA, Vilma. Diferenças entre a síndrome de Asperger e Autismo. 2017. Disponível em: <https://br.guiainfantil.com/autismo/153-diferencas-entre-asperger-e-autismo-.html>
Acesso em: 10 fev. 2021.

NUNES, J. Atenção primordial: estruturando um ser. 2010. Disponível em: <<http://escoladecuidados.blogspot.com/2010/03/atencao-primordial-estruturando-um-ser.html>> Acesso em: 05 jun. 2019.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo: o que os pais devem saber?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

PIMENTA, P. R. *Clínica e Escolarização dos Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)*. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362019000100205&lang=pt> Acesso em: 05 jun. 2019.

PLETSCH, Márcia Denise. **A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas**. Educar em revista, Curitiba, nº 33. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/er/n33/10.pdf>> Acesso em: 11 mar. 2020.

ROCHA, Termisia. **Aprendizagem e desenvolvimento em Vygotsky**. Disponível em: <<http://www.unicerp.edu.br/images/revistascientificas/athoseethos/1%20-%20APRENDIZAGEM%20E%20DESENVOLVIMENTO%20EM%20VYGOTSKY.pdf>> Acesso em: 18 set. 2019.

ROMERO, Priscila. **O aluno autista: avaliação, inclusão e mediação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

SANTOS, Fábio Cardoso dos. CAMPOS, Ana Maria Antunes de. SILVA, Luciana Uhren Meira. A linguística no processo do contar histórias: uma contribuição para a neuroeducação. *In*: SANTOS, Fábio Cardoso dos. CAMPOS, Ana Maria Antunes de. SILVA, Luciana Uhren Meira. **A contação de histórias: contribuição à neuroeducação**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2016. p. 21-39.

SANTOS, Fábio Cardoso dos. CAMPOS, Ana Maria Antunes de. FREITAS, Nilma Célia Mamede de. O contar história como recurso na inclusão escolar. *In*: SANTOS, Fábio Cardoso dos. CAMPOS, Ana Maria Antunes de. FREITAS, Nilma Célia Mamede de. **A**

contação de histórias: contribuição à neuroeducação. Rio de Janeiro: Wak editora, 2016. p. 57-72.

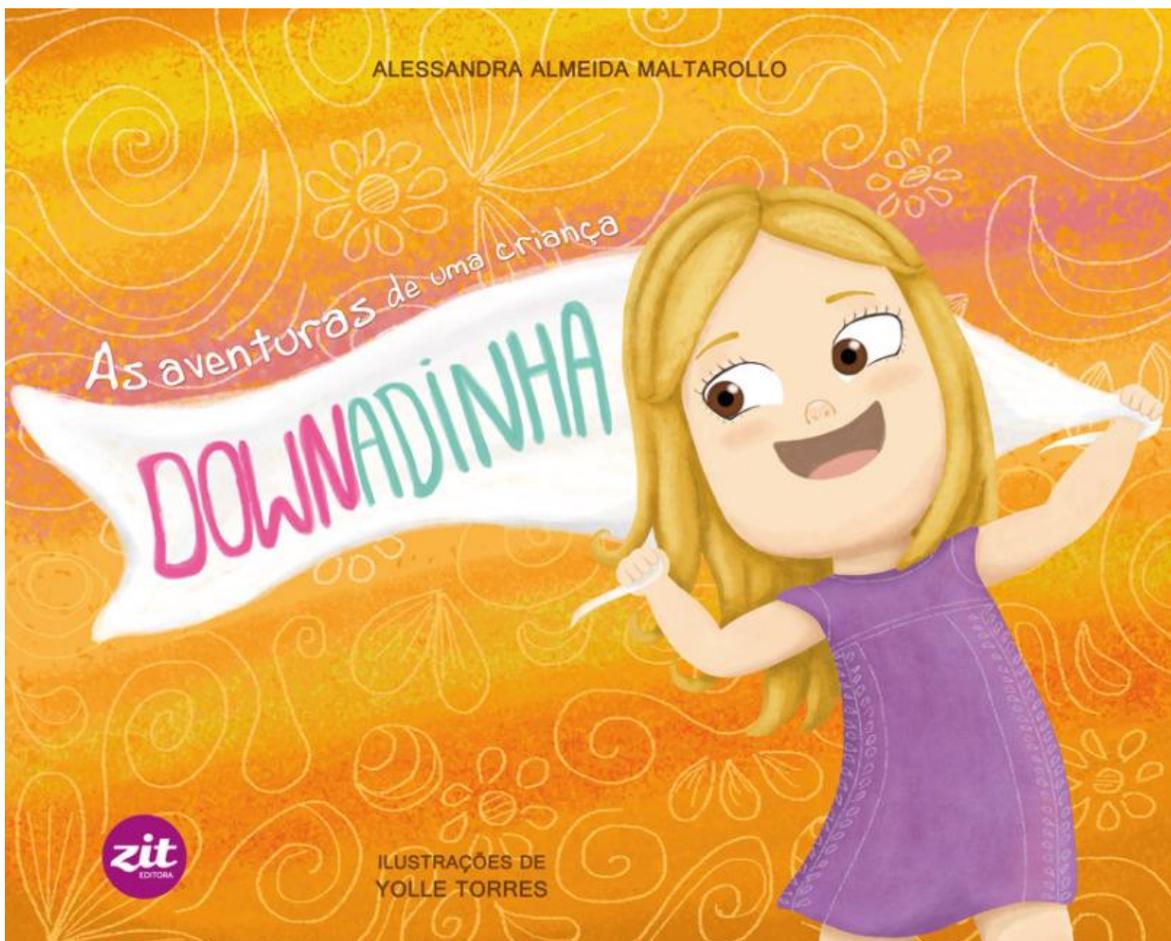
STEYER, S. LAMOGLIA, A. BOSA, C. A. **A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista** – TEA.2018.Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2358-18832018000301395&lang=pt> Acesso em: 05 jun. 2019.

TREVIZAN, Z. PESSOA, A. S. G. **Psiquismo, linguagem e autismo: contribuições da semiótica nos contextos educativos.** 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000500241&lang=pt> Acesso em: 05 jun. 2019.

WEBER, Maria Luiza Ternes. **A Importância da Arte na Educação Especial.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 2, Vol. 13. p. 261-267., janeiro de 2017. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/arte-na-educacao-especial?pdf=6446>> Acesso em: 16 jan. 2020.

ZILBERMAN, Regina. Pesquisadora fala sobre o trabalho com a leitura nas escolas e a importância de o professor ser ele mesmo um leitor. [Entrevista concedida a] Meire Cavalcante. **Nova Escola**, São Paulo, p. 1-3, 01 ago. 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/953/entrevista-com-regina-zilberman#>> Acesso em: 24 ago. 2020.

ANEXO 1



(MALTAROLLO, Alessandra Almeida. *As aventuras de uma criança downadinha*. Rio de Janeiro: ZIT, 2016.)

ANEXO 2

Havia uma pequena escola, naquela pequena cidade.

A escola mais linda de todas, que parecia casinha de bonecas.

Eram muitas crianças. Todas amavam estar ali. Mas uma das crianças... Era a Lalá!

Lalá era uma mocinha linda de cabelo de trancinhas. Só que nem sempre ela queria estar ali.

Tinha dias que a sala de aula era pequena demais para ela. E a menina só queria correr pelos espaços a fora, rodeados de árvores e flores.

Lalá tinha um jeitinho todo especial, só dela. Ela não gostava muito de ser abraçada, só quando ELA queria abraçar.

Alguns dias ela ficava quietinha, no mundo dela. Nada de correr, abraçar ou brincar com os colegas. Tinha dia em que a menina trazia com ela uma energia que não cabia naquele corpinho tão pequeno e ela queria agitar! Também tinha aquele dia que Lalá não estava nem aí para ninguém! Emburrava seu rostinho, acabava com a brincadeira, abria a porta e sumia dali.

Mas aquela menininha era toda especial! Além do seu jeitinho diferente de ser, ela também tinha um jeitinho de amar só dela. Puxava a “tia” pelo braço e ditava sua brincadeira favorita! Só podia ser aquela, por quanto tempo ela quisesse brincar.

Ah, menina Lalá! Que mundo lindo você vem nos mostrar!